

CONTINUA A FUGA DE DÓLARES

Valquíria Rey e
Ricardo Leopoldo
Da equipe do *Correio*

São Paulo — A desvalorização do real não estacou a fuga de dólares do país. Ontem, até as 20h, deixaram o Brasil mais US\$ 282 milhões, pouco menos dos US\$ 329 milhões que saíram na sexta-feira. O anúncio do Banco Central, que confirmou a flutuação livre do câmbio com a possibilidade de ocasionais intervenções, estimulou os negócios com ações e com títulos da dívida externa, especialmente o C-Bond e o IDU. Os juros nas cotações futuras, contudo, subiram, depois de o ministro da Fazenda, Pedro Malan, ter dito em Washington que as taxas aumentariam.

Deixaram o País US\$ 240 milhões no segmento comercial e US\$ 42 milhões pelo câmbio flutuante, muito utilizado por residentes no Brasil para mandar dinheiro ao exterior. A notícia é ruim, pois o País vem perdendo reservas internacionais com rapidez. Foram embora perto de US\$ 40 bilhões, desde 17 de agosto, quando a Rússia declarou moratória (suspenção do pagamento) da dívida externa. De acordo com Adauto Lima, economista do Lloyds Bank, o Brasil ainda tem US\$ 35 bilhões de reservas internacionais.

A Bolsa de Valores de São Paulo abriu em alta de 0,19%. Em seguida, às 11h15, caía 3,63%. O mercado começou a reagir e chegou a alcançar 8,8%, fechando em 5,43% positivos. O volume de negócios ficou em R\$ 485,7 milhões, atingindo 7.113 pontos. No Rio de Janeiro, a elevação ficou de 3,92%.

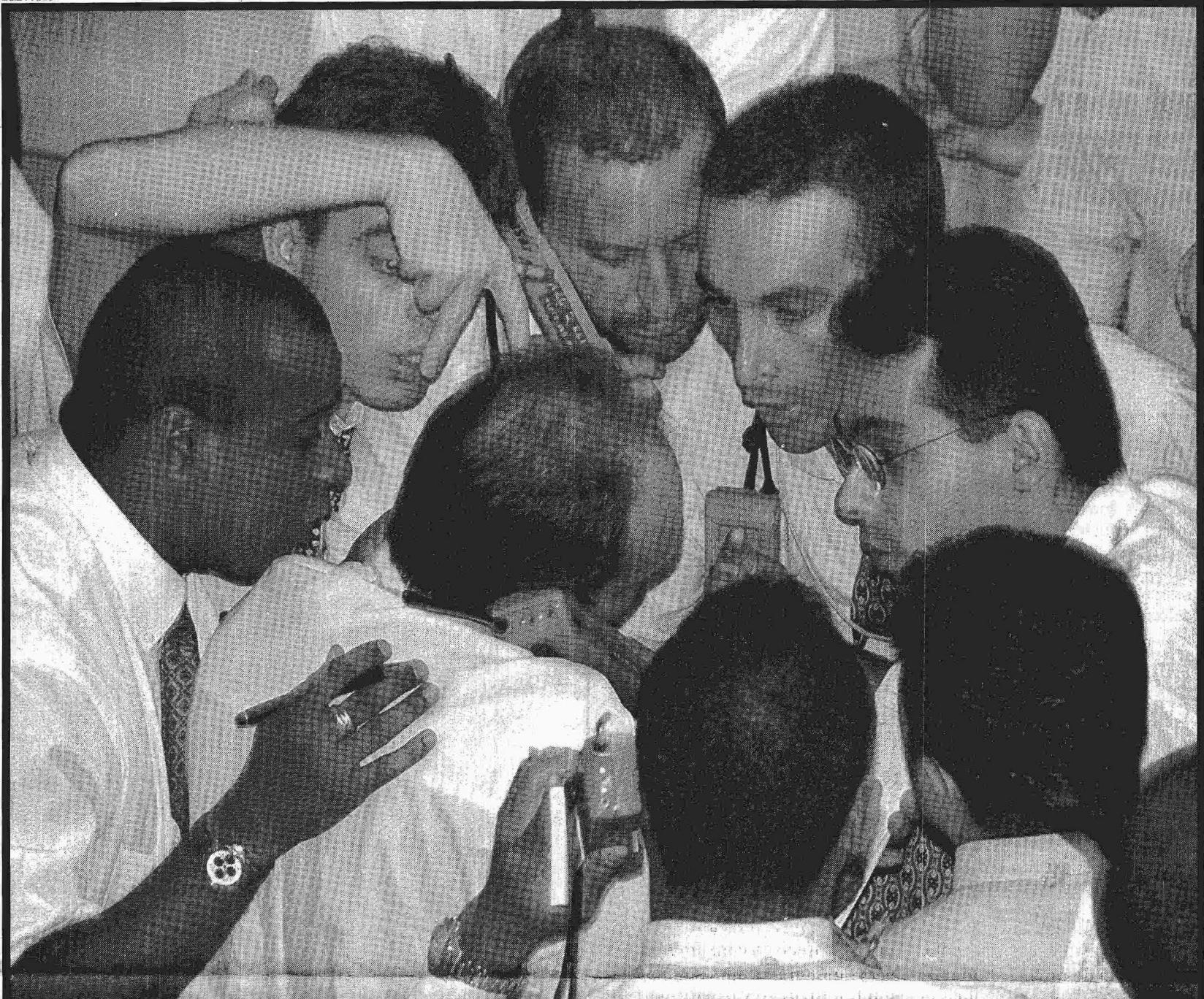
OSCILAÇÕES

Apesar da euforia na sexta-feira, quando a bolsa paulista subiu 33,40%, a segunda maior alta de sua história, as ações das empresas brasileiras ainda estão muito baratas. Sobretudo em dólar, depois da desvalorização do real. Os operadores já esperavam um dia de pequenas oscilações.

A variação de preços (volatilidade) das ações que marcou o mercado financeiro deverá continuar nos próximos dias, conforme prevêem operadores e analistas. Isso quer dizer que a cotação dos títulos permanecerá variando em relação ao seu preço médio. "É muito cedo para prever que a tendência de alta vai permanecer",

Depois da alta recorde de sexta-feira de 33,40%, ontem a Bolsa de São Paulo viveu um dia de forte oscilação encerrando o pregão com lucro de 5,43%

Luiz Prado



diz Flávio Conde, analista-chefe da Lloyds Asset Management (LAM). "Ainda é preciso observar como caminhará o ajuste fiscal e se o País vai melhorar ou não com a desvalorização do real frente ao dólar".

Segundo os especialistas, o mercado está esperando a aprovação do aumento da contribuição dos inativos e da elevação da alíquota da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF), que devem ser votadas no Congresso nos próximos dias. O comportamento dos governadores de oposição quanto a renegociação das dívidas de seus estados também causa

preocupação dos investidores. Nesta semana a questão política deverá ditar o ritmo nas bolsas de valores.

Para Enio Shinohara, chefe da área de análise de investimento da Hedging-Griffo Corretora de Valores, o comportamento das bolsas nos últimos dois dias foi "tranquilo, melhor do que se esperava". Ele acredita que ainda é necessário esperar mais dez dias para avaliar como se comportam o mercado de câmbio e a saída de dólares. "Se houver um fluxo grande de investimentos, principalmente estrangeiros, o mercado de capitais permanecerá em alta".

No mercado cambial, o dólar subiu 4,95%. A taxa comercial oscilou de R\$ 1,48 para R\$ 1,61, fechando a R\$ 1,58 para venda. Diretores de bancos estrangeiros afirmaram que os volumes caíram muito, pois a variação das taxas ficou muito em relação ao regime cambial que vigorava até dia 12, quando o real se des-

valorizava 7,5% por ano. A moeda nacional perdeu 26,99% do seu valor em comparação ao dólar nos últimos sete dias.

Embora o governo tenha liberado o câmbio, usará os juros para conter exageradas depreciações do real. Nos índices futuros, a cotação para janeiro subiu de 35% para 39,80% ao ano. Em fevereiro, as taxas pularam de 36,10% para 41,60% ao ano. "Tudo isso demonstra que o governo está agindo com cautela. Os juros somente deverão cair depois que o ajuste fiscal for aprovado pelo Congresso", diz Adauto Lima, economista do Lloyds Bank.